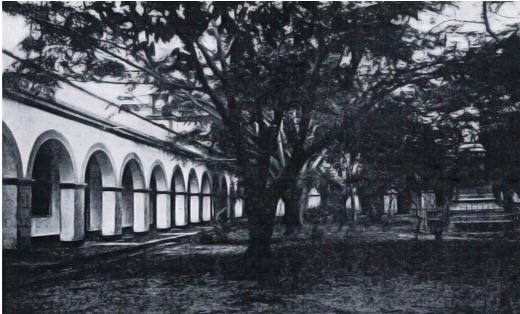


## SEMINÁRIO DA PRAINHA A PARTIR DE 1964

*Prof. Dr. Mons. Francisco Manfredo Thomaz Ramos\**



### Introdução

De perto vivenciei e participei, com vários graus de responsabilidade e, envolvimento, de grande parte do percurso desta vetusta instituição de ensino e formação, o Seminário da Prainha.

Congratulo-me, por isso, com a feliz iniciativa da atual equipe de direção Pe. Antonio Almir Magalhães de Oliveira, Diretor Geral, Pe. Francisco Evaristo Marcos, Diretor Acadêmico e Maria Aires Bastos Lino, Ecônoma, em comemorar esta efeméride dos 150 anos da fundação desta casa, precisamente através desta Semana Filosófico-Teológica que tem por tema “O Tempo em sua dimensão Histórica, Filosófica e Teológica”, dando, assim, azo a uma visão mais profunda e abrangente dos múltiplos significados desta hodierna celebração.

Como ponto de referência desta minha conferência sobre os anos logo após o encerramento das atividades do Seminário Provincial de Fortaleza, apresento o meu discurso proferido por ocasião da solene instalação da Faculdade Católica de Fortaleza, a 9 de fevereiro de 2010; sirvo-me dele para assinalar, devidamente, não só os marcos históricos dignos de nota destes anos, mas sobretudo a sua dimensão mais profunda.

Segue o texto do discurso.

“Na qualidade de Diretor Geral Interino desta recém-criada Faculdade Católica de Fortaleza, cabe-me a honra, em nome igualmente de meus co-Diretores, Pe. Edilberto Reis e Pe. Pietro Sartorel, de dirigir-vos, prezados Srs. e Sras., uma primeira palavra de abertura e saudação.

Dentro de quatro anos e oito meses, a 18 de outubro de 2014, estareis, se a Deus aprouver, comemorando solenemente, nesta mesma casa do Seminário da Prainha, o seu sesquicentenário de fundação. É, pois, com a alma cheia de júbilo e tomado da mais viva emoção que me congratulo em primeiro lugar e pessoalmente com V. Exa. Sr. Dom José Antonio Aparecido Tosi Marques, oitavo Bispo desta Arquidiocese de Fortaleza, e também com todos os seus fiéis, que vejo aqui tão bem representados por esta conspícua assembleia, pelo fato de que podeis prestar-vos para esta festa tendo diante dos olhos não mais somente o Seminário Episcopal do Ceará e suas sucessivas feições ao longo do tempo, com seu peso de tradições e êxitos, mas também e desde já a realidade promissora e desafiadora da nossa tão almejada Faculdade Católica de Fortaleza. Acabastes de ouvir a proclamação do texto solene e vibrante do Decreto do Sr. Arcebispo<sup>1</sup>, seguido da leitura da Portaria da Secretaria de Educação Superior, em seus termos formais e quase neutros. Nosso decreto de criação, canônica e civilmente promulgado e reconhecido, vem colimar um *desideratum* que foi concebido e proposto no momento mesmo em que D. José de Medeiros Delgado, então Arcebispo de Fortaleza, e os demais Bispos do Ceará, em novembro de 1966, fecharam o Seminário Provincial de Fortaleza. Ato contínuo, ressurgiu ele por força do Decreto 15 da Arquidiocese, de 2 de fevereiro de 1967, que fundava “o Instituto Superior de Cultura Religiosa (ISCRE) como sucessor do Seminário da Prainha, com finalidade de servir a todo o povo de Deus..., aberto aos candidatos ao

---

**<sup>1</sup>Decreto 004/2009 – D. José Antônio Tosi Marques:**

[...] No coração da Igreja Arquidiocesana de Fortaleza e sob as luzes do Magistério Universal: “É no contexto da procura abnegada da verdade que recebe luz e significado a relação entre fé e razão. «Intellige ut credas; crede ut intelligas»: este convite de Sto. Agostinho [Cf. S.TO. AGOSTINHO, Serm. 43,9: PL 38] vale também para as Universidades Católicas, chamadas a explorar corajosamente as riquezas da Revelação e as da natureza, para que o esforço conjunto da inteligência e da fé consinta aos homens alcançar a medida plena da sua humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus, renovada de maneira mais admirável, depois do pecado, em Cristo, e chamada a resplandecer na luz do Espírito. A Universidade Católica, mediante o encontro que estabelece entre a riqueza insondável da mensagem salvífica do Evangelho e a pluralidade e imensidade dos campos do saber em que aquela se encarna, permite à Igreja instituir um diálogo de fecundidade incomparável com todos os homens de qualquer cultura.

Com efeito, o homem vive uma vida digna graças à cultura e, se encontra a sua plenitude em Cristo, não há dúvida que o Evangelho, atingindo-o e renovando-o em todas as suas dimensões, é também fecundo para a cultura, da qual o mesmo homem vive.” (*Ex Corde Ecclesiae*, 5-6).

Dado e passado nesta Cidade Metropolitana de Fortaleza e Câmara Arqueiepiscopal, aos 28 de agosto de 2009 – Memória Litúrgica de Santo Agostinho – Bispo e Doutor da Igreja.

sacerdócio, a religiosos e leigos” (Ibid). - São as novas auras sopradas pelo Concílio Vaticano II. – Este voto, em parte alcançado, a 19 de março de 1973, com a inauguração da Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR) e a reabertura do Curso Maior Teológico do Seminário, veio no entanto a sofrer revezes. De fato, a primitiva unidade do Instituto foi rompida em janeiro de 1983, pela separação do curso dos leigos, com o nome de Instituto de Ciências Religiosas – ICRE - e do Curso Seminarístico, tornando-se este último, por determinação dos Srs. Bispos do Ceará, a 27 de fevereiro de 1985, no Instituto Teológico-Pastoral do Ceará (ITEP); um ulterior retrocesso se deu com o fechamento da FAFIFOR em 1988. Mas, com renovada esperança, o projeto inicial retorna, graças à nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases), de 1996, quando a 22 de fevereiro de 2002 são credenciados pelo MEC os dois Institutos, o ITEP e o ICRE, e seus respectivos cursos de Teologia autorizados; os referidos cursos serão posteriormente reconhecidos, em 2006 e 2007. E agora finalmente, nesse Natal de 2009, o sonho de Dom Delgado concretiza-se plenamente pela aprovação oficial da nova Faculdade Católica de Fortaleza, com a consequente extinção dos dois Institutos. – Os limites do tempo de que disponho nesta alocução, não me permitem demorar-me em comentar essas etapas da evolução desta casa de educação, ao longo dos últimos 45 anos, dos quais tive o privilégio de ser testemunha permanente *de visu*, se excetuarmos os seis anos em que, por três ocasiões distintas, me ausentei do Brasil para ulteriores estudos. Desejo apenas destacar os pontos comuns de aproximação dos dizeres do Decreto 15, de Dom José Delgado, de 1967, com os termos do presente Decreto de Dom José Antonio, quais sejam:

- na inspiração primeira vinda do Vaticano II;
- na destinação da Instituição para formar os candidatos ao sacerdócio, bem como os demais agentes de pastoral, leigos e leigas;
- na inserção da mesma no “Plano de Pastoral de Conjunto”, do ano de 1966 ( - Dom José Antonio, por sua vez, chega mesmo a lançar mão da expressão: “No coração da Igreja Arquidiocesana de Fortaleza ...”-);
- ainda, na “eliminação da multiplicidade de órgãos de formação”;
- na abertura ao ecumenismo e ao diálogo com todos os homens de boa vontade.

Permiti-me transcrever apenas este texto final de Dom José Delgado, em seu documento: "...o Instituto Superior de Ciências Religiosas [...] contribuirá para que cresçamos em clima de unidade visível [...com os diversos projetos pastorais] e, crescendo unidos, possamos trabalhar em comum, o que importará em tornarmo-nos mais capazes de refletir a unidade da Igreja" (Ibid.).

Seria demasiado longo e sem dúvida descabido, neste momento, tentar explicitar a ligação e consonância destes dois decretos com os documentos – bem numerosos – do Magistério vivo da Igreja, seja os dos Pontífices seja os dos Bispos da América Latina, após o Concílio, tais como, sobretudo, para os Papas, a Encíclica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, e as Constituições Apostólicas *Sapientia Christiana* e *Ex corde Ecclesiae*, de João Paulo II – que ele mesmo denomina, a esta última, de *magna charta* das Universidades Católicas e, por extensão, "de todas as Instituições Católicas de Ensino Superior" (Ibid. nn. 8 e 10) . Aliás, no Decreto de 28 de agosto, Dom José Antonio refere, como ouvimos, dois parágrafos centrais dessa Constituição (vd. nn. 5 e 6).

Quanto ao Magistério de nossos bispos, reunidos em Conferência Geral, valeria destacar o *Documento de Puebla* (cf. nn. 385 – 443; 1012 -1062), sempre atento aos "marginalizados e pobres", onde se pode sentir o respiro do então Presidente do Celam, Dom Aloísio Lorscheider; e também, há três anos, o *Documento de Aparecida* (nn. 328 – 346). Se quisermos, entre tantas referências possíveis, escolher uma delas, por assim dizer paradigmática, por explicitar a nota constitutiva, essencial, da Escola Católica Superior, poderíamos recorrer à pena de João Paulo II, que, na *Ex Corde Ecclesiae* , no seu estilo tão característico, circular e concêntrico - quase repetitivo - , nos afirma por exemplo, o seguinte:

Com efeito, o diálogo da Igreja com as culturas do nosso tempo é o setor vital, no qual 'se joga o destino da Igreja e do mundo neste final do século XX'. Não existe senão uma cultura: a do homem, que provém do homem e é para o homem. E a Igreja, perita em humanidade, segundo a expressão do meu predecessor Paulo VI na ONU, investiga, graças às suas Universidades Católicas e ao seu patrimônio humanístico e científico, os mistérios do homem e do mundo, esclarecendo-os à luz que a Revelação lhe dá (Ibid. n. 3).

Não gostaria, contudo, de encerrar este parágrafo, sem aduzir ao menos um texto do cabedal inapreciável do Magistério Extraordinário e Supremo da Igreja: trata-se da Declaração Conciliar *Gravissimum Educationis*, que no parágrafo dez conclama os alunos das Universidades e Faculdades Católicas a que: "[...]se formem de fato como homens de

grande saber, preparados para enfrentarem tarefas de maior responsabilidade na sociedade e para serem também no mundo testemunhas da fé.”

E ainda, no parágrafo seguinte, dirigindo-se em particular às Faculdades de Ciências Sagradas, lembra-lhes que:

a elas é que [a Igreja] confia a tarefa gravíssima de preparar os seus próprios filhos, não apenas para o Ministério Sacerdotal, mas principalmente, ou para ensinarem nas cátedras de estudos superiores eclesiais, ou para aprofundarem as matérias com sua contribuição pessoal, ou ainda para ocuparem os postos mais árduos do apostolado intelectual (Ibid. n. 11).

Fica, pois, aqui o convite e o desafio para aqueles que, dentre os nossos queridos alunos, leigos e clérigos, se sentirem dotados do carisma do ensino (cf. I Cor. 12, 38), sob o discernimento da Igreja: não malbarateis o vosso dom! Lembrai-vos apenas de que “se falarmos todas as línguas dos homens e dos anjos..., se possuírmos a ciência inteira..., mas não tivermos o amor..., nada somos!” (I Cor. 13, 1.2).

Concluo. Sem dúvida, de par com este *gaudium de veritate*, - tão caro a Santo Agostinho (cf. Conf. X, xxiii, 33), isto é, “a alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la” (João Paulo II, ECE, n.1), - que agora experimento, há um outro sentimento que empolga o meu espírito: é o da gratidão! “Servo inútil, antes de tudo rendo glória a Deus, Pai das luzes e doador de todo bem, que “fez para nós este dia” de hoje – “exultemos e alegremo-nos nele!” (Sl. 117, 24).

Aos nossos Pastores, que “o Espírito Santo colocou para reger a sua Igreja” em Fortaleza, nestes novos tempos do Concílio Vaticano II, - a eles que solícitamente sempre nos orientaram, apoiaram e incentivaram no cumprimento das tarefas de que nos incumbiram, a mim e aos demais membros da equipe de direção, mormente nas etapas mais cruciais do longo caminho percorrido por esta casa -:

- a Dom José de Medeiros Delgado, o pioneiro, que teve a ousadia de dizer em seu Decreto de fundação do ISCRE: “Significará a meu ver um passo que poucas Dioceses do Brasil estão, como Fortaleza, em tempo de dar na Igreja de Jesus Cristo, nesta memorável hora do Concílio Vaticano II” (Ibid., Apêndice);
- a Dom Aloísio Lorscheider, de quem repito o breve necrológio que escrevi quando do seu passamento: Àquele que por vinte e dois anos, com coração paterno de bom pastor, conosco “caminhou no

amor” (Ef. 5, 2), - à nossa frente e ao lado de cada um de nós – aca-  
lentando sonhos, sofrendo revezes e celebrando vitórias, o preto  
de gratidão, saudade e intercessão na prece filial da Comunidade  
Acadêmica da Prainha,- a de então e a de hoje -”. (Guia Acadêmico  
do ITEP 2008);

- ao Cardeal Cláudio Hummes, o qual, em que pese o tempo breve em que permaneceu conosco, também sempre nos distinguiu com sua amizade e disponibilidade;
- e a Dom José Antonio Aparecido Tosi Marques, nosso Chanceler, que tomou a peito essa empreitada complexa e melindrosa da uni-  
ficação dos nossos Institutos e da instalação desta Academia e, com prudência e firmeza, lhe pôs cobro.
- Nosso reconhecimento, neste ponto, se faz também extensivo à pessoa veneranda de Dom Manuel Edmilson da Cruz que, desde os inícios do pastoreio de Dom Aloísio Lorscheider, tem estado sempre ao nosso lado, confortando-nos com sua solicitude e sabedoria. Igualmente reverenciamos as pessoas dos senhores Bispos titulares das Dioceses sufragâneas de Fortaleza que foram, por disposição estatutária, com o senhor Arcebispo “os últimos responsáveis” pelo destino do Instituto Teológico-Pastoral do Ceará, durante os vinte e cinco anos de sua existência.

Nossa Faculdade sente-se, além disso, penhorada aos Srs. Ex-Governadores Tasso Jereissati e Lúcio Gonçalo Alcântara, bem como ao atual Sr. Governador do Estado do Ceará, Cid Ferreira Gomes, por sua prestimosa atenção quando necessitamos de ajuda para a recuperação de duas alas de nosso edifício e, mais recentemente, no tocante à restauração da Igreja da Prainha e da fachada fronteira do prédio.

Em seguida, tenho presente na memória e mais ainda no afeto do coração a incontável teoria de quantos, nestas últimas décadas, operários da primeira e da undécima hora, grandes e pequenos, letrados ou humildes trabalhadores manuais, conhecidos ou quase anônimos, ombro a ombro construíram e vêm sustentando esta casa de formação da Prainha, no empenho diuturno de suas melhores energias, físicas, mentais e espirituais. Dada a impossibilidade de sequer tentar nomeá-los singularmente, não posso, contudo, me abster de declinar pelo menos o nome daqueles que se fizeram presentes à primeira conclamação de Dom Delgado na abertura do ISCRE, a 7 de abril de 1967: Paulo Eduardo Andrade Ponte, José Alberto

Montenegro Castelo, Luís Gonzaga Magalhães Uchoa, Antônio Sidra Rodrigues e Daniel Jouffe, que comigo formaram a primeira equipe de direção, completada por Oscar Peixoto Filho, como ecônomo; e os professores, que com estes integraram o primeiro corpo docente ordinário do Instituto, entre 1967 e 1969, a saber: Miguel Fenelon Câmara Filho, Tarcísio Santiago de Almeida, Antônio Soares Pinto (Suzenito), Jan ter Reggen, Norberto Gorrissen, André Haguette, Caetano de Tillesse e Agamenon Tavares. Quero, por fim, complementando esta lista, sinalizar, nestes últimos quarenta e três anos, desde o fechamento do Seminário Provincial de Fortaleza, em 1966, os demais professores que vieram a compor as equipes de direção, seja do ICRE, seja do ITEP, como também da FAFIFOR: Antonio Colaço Martins, Mariano Rocha Matos, Francisco de Assis Mendes Góes, Francisco Pinheiro Landim, Elisabeth Strümpfler, Antônio Carlos Machado, Leonardo Martin, Manfredo Araújo de Oliveira, Rogério Matos, Antônio Almir Magalhães, Jaefson Rodrigues, Pietro Sartorel, Emílio Castelo, Tânia Couto Maia, Celiomar Pinto de Lima, Marly Soares, Brendan Coleman, Carlos Alberto Silva, Paulo Ernando, José Paulo Hernández, Luciano Sampaio, Miguel Becker, Ribamar Brandão e Edilberto Reis. A estes nomes devo acrescentar os de Maria Estrela Araújo Fernandes e Rosa Nogueira, que nos ajudaram valiosamente nos últimos passos para a efetivação da Faculdade, a primeira com o Projeto Político Pedagógico que nos indica o rumo a seguir, e a última com sua assessoria junto ao MEC. Recebam todos eles o preito da imorredoura gratidão de nossa novel Faculdade.

Pondo um fecho às minhas palavras, elevo agora a mente à Senhora da Assunção, nossa Mãe, à proclamação de cujo dogma tive a ventura de assistir, mal chegado a Roma, pela primeira vez, aos 16 anos. A ela, a cada dia, desde então, tenho consagrado “meus estudos e atividades literárias”, e a ela, hoje, de público, mais uma vez, protesto, sem restrições, meu amor filial e Lhe digo o mais sentido obrigado!

Fortaleza, em 9 de fevereiro de 2010

Francisco Manfredo Thomáz Ramos”

*\* Prof. Dr. Mons. Francisco Manfredo Thomáz Ramos*

Doutor em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana – Roma

E Pós-Doutorado na mesma Universidade;

é, atualmente, professor ordinário da FCF liberado para pesquisas na sua área de competência.